

050

**A CARNAVALIZAÇÃO DO ÉPICO EM "AS NAUS", DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES.** *Ariadne Leal Wetmann, Jane Fraga Tutikian (orient.) (UFRGS).*

No contexto da literatura portuguesa do século XX, se já não existem mais heróis como os que foram enaltecidos na épica camoniana, é de se esperar que a epopéia clássica não tenha representantes dignos de nota. Entretanto, a relação com o épico não cessa – o estilo é problematizado, negado, parodiado, etc... Se *Mensagem*, de Fernando Pessoa, instaura uma relação *sui generis* com o gênero, ao se valer de todos os seus elementos característicos para conjugar épico e antiépico em uma epifania final, *As Naus*, de António Lobo Antunes, cria laços com o discurso épico ao “rebaixar” seus maiores personagens portugueses em situações insólitas, grotescas, prosaicas, bem-humoradas. Como mostra Bakhtin, esse movimento de paródia, que pode parecer totalmente antiépico, sempre esteve em pé de igualdade com as situações parodiadas, no contexto da cultura popular. Assim, se, por um lado, o gosto épico é “ridicularizado”, por outro é mostrado como algo intrínseco à cultura portuguesa. A tradição épica pode ter sido um dos principais meios de propaganda ditatorial em Portugal, mas, como estilo literário, é muito fértil e sempre pode ser renovada e transgredida.